

dimento para as formas *figem* e *figeste*, porque é mínima a diferença em relação a *fiz* e *fizeste*, além de o contexto lhes mostrar claramente o significado.

O poema é inteiramente e perfeitamente compreensível ao luso-falante ape-deuta, que, por isso, lhe degusta em cheio a beleza.

O autor foi particularmente feliz nas escolhas: os paralelismos antitéticos, mas consoantes; as frases curtas, a traduzir e produzir emoção expressividade, impressividade: «A tua morte. A minha vida. O Onte. O amanhã. (...) Ainda eu viva. Ainda morto tu».

Um traço arcaico (para nós) é largamente compensado pelo jogo da gama vocálica, que dá vigoroso apoio sonoro à antítese: «nem eu sem ti, nem ti sem mim» - se fosse «nem tu sem mim», perdida ficaria boa parte da beleza. Também não nos passe despercebida a sugestão fonética imitativa em «arrastando o carro».

Concluamos, pois, sob as bênçãos de Dom Ricardo Carvalho Caleiro, que nos encantou nesta elegia, concluamos que a língua é a mesma e que podemos, tranqüilos, passar do «diassistema» ao «sistema».

Gladstone Chaves de Melo  
R/ Cosme Velho, 354; C. 10  
22241 RIO DE JANEIRO (Brasil)

## NOVOS RUMOS DA SEMÂNTICA(\*)

Eugénio Coseriu

(Universitat Tübingen . Alemanha)

Esta vai ser uma comunicação de linguística geral pois que assim me foi solicitado pela Presidenta da <<Associação Galega da Língua>> ao ter-se decidido que houvesse uma sessão desta natureza.

Escolhi este tema não para falar de todas as orientações na semântica actual mas para assinalar um perigo que existe actualmente e uma ilusão que se está a difundir no mundo da linguística na Europa com uma semântica chamada cognitiva, a semântica dos protótipos, que se opõe em particular à semântica estrutural. Esta seria, como os seus representantes dizem, a semântica das condições necessárias e suficientes para decidir o significado de uma palavra. Trata-se de uma semântica que surgiu na psicologia cognitiva nos Estados Unidos da América e em particular por obra da senhora Eleanor H. Rosch. Esta semântica difundiu-se primeiro nos Estados Unidos da América e foi adoptada, ainda que não sem modificações, por alguns linguistas como Fillmore e outros, e divulgou-se muito nos últimos anos na Europa.

Alguns linguistas jovens já cultivam especialmente esta semântica chamada dos protótipos e outros criticam a semântica estrutural como insuficiente em comparação com aquela. Outros ainda mais tímidos querem conciliar as duas semânticas. Mas se aceitarmos a crítica que os seguidores da nova semântica fazem à semântica estrutural então resulta difícil congruar as duas perspectivas, pois que é difícil conciliar a verdade, como dizem, com o erro, o método com a sua falta ou a distinção com a confusão.

Vamos ver primeiro o que é esta semântica: na sua forma mais ambiciosa não é, na realidade, uma semântica, senão uma teoria geral da formação dos universais e uma teoria das espécies. É por isso que devém uma teoria declaradamente antiaristotélica polo que diz da formação dos universais. De maneira que se falou de uma revolução roschiana, de uma revolução antiaristotélica.

A questão é a seguinte: diz-se que, na realidade, os universos não se formam, não se constituem pela abstracção de traços definitórios e gerais em toda uma espécie suficientes destarte para definir a espécie. As espécies não são, na verdade homogéneas nem discretas, avulsas. Na realidade os universais formar-se-iam a partir de certos centros prototípicos: o conceito "ave", por exemplo, surgiria a partir de um protótipo como o pardal. Depois por associação com este protótipo conceber-se-ia a espécie até chegar aos pinguins, por exemplo, que já não voam, não estão nas árvores, etc. Deste modo a semântica deveria ser como a confirmação desta teoria da formação dos universais e também da configuração das espécies.

Em conclusão, as duas teses fundamentais são: os universais, os significados não são significados discretos e não têm limites precisos; passa-se assim de uma espécie a outra e os significados não são homogéneos porque têm um centro com mais traços distintivos e

depois uma zona periférica com menos traços pertinentes. A semântica deveria, por consequência, reivindicar estas duas dimensões dos significados: o carácter não discreto, não avulso das significações e a natureza não homogénea dos significados. É deste modo que a semântica confirmaria a teoria geral das espécies e dos universais.

Aliás desta óptica afirma-se que esta semântica tem umas aplicações muito mais vastas do que a semântica estrutural: poderia aplicar-se à gramática e mesmo à fonética porque também nestes campos haveria formas centrais ou prototípicas... e, além do mais, este focamento corresponderia melhor à intuição dos sujeitos falantes, pois que admite limites imprecisos entre os significados e portanto uma passagem gradual de um significado para outro ou aceita a existência de traços pertinentes mas não necessários para a definição de uma espécie inteira. Assim, por exemplo, poderia ser pertinente o traço “voar” para “ave”, embora não todas as aves possam voar; mas é pertinente porque é prototípico, porque pertence ao “centro”. Destarte toda a semântica propriamente dita devém uma defesa desta pertinência dos traços não necessários, através aliás de uma série de provas.

Uma primeira é a chamada prova do “porém” ou do “mas”: não se pode predicar com “mas” um traço pertinente, prototípico. Assim não dizemos: “é uma ave mas voa”. Teríamos, em qualquer caso, que explicar o contrário: “é uma ave, mas não voa”. Também assim outra prova é a “inclusão reticente”. Considera-se, por exemplo, que seria aceitável dizer de um pinguim: “é mais ou menos uma ave”. Utiliza-se também o argumento da “inferência tácita”: se falarmos de um pássaro, interpretamos naturalmente que tem de voar e não pensamos provavelmente num pinguim. Apontarei finalmente a prova das “acepções genéricas”: diz-se, por exemplo, que os pássaros, as aves voam sem necessidade de precisar que algumas aves não voam.

Assim mesmo foram formulados dous princípios concomitantes e coordenados: o da aproximação prototípica e o da desviação especificada. Através do primeiro interpretamos o sentido da palavra pelo seu valor prototípico: deste modo quando falamos de cavalgar compreendemos espontaneamente fazê-lo sobre um cavalo. O princípio concomitante da desviação especificada implica que se não quero referir-me à significação prototípica, tenho de especificar: por exemplo, cavalgar sobre um camelo ou sobre qualquer outra coisa.

Vou-me referir, ultimamente, à anáfora textual associativa; assim diríamos aceitavelmente: “chegamos à noite a uma aldeia e a igreja estava fechada”, mas não que a academia de dança estava fechada, porque para uma aldeia, em princípio, o prototípico é ter uma igreja e uma só igreja.

Em conclusão, que podemos dizer de todas estas provas para a pertinência dos traços necessários? Em certa medida tudo é certo e tudo é falso; falso, porque isso não pertence ao significado de língua, a aquilo que é definitivo na língua; certo, pois que se está a falar de coisas, de aspectos que pertencem ao conhecimento das coisas, ao conhecimento do mundo e portanto contribuem à constituição e à interpretação dos textos. Na realidade não falamos só com a língua, com o idioma, também utilizamos o conhecimento do mundo, o conhecimento das coisas. Deste modo a prova do “porém” é aplicável a tudo

aquilo que se considera como normal para um objecto ou para uma categoria. Assim, resulta certamente engraçado dizer: “é meu irmão mas sei onde mora”; “é meu irmão, mas tem o mesmo apelido meu”; “é meu irmão, mas é inteligente”, etc. Em qualquer caso todas estas formas com “mas” não se referem a traços definitórios de irmão mas a aquilo que se sabe dos irmãos ou a aquilo que se pensa dos irmãos. Obviamente, se eu me considero inteligente não posso afirmar: “é meu irmão mas é inteligente” (...)

E quando se diz, por “inferência tácita”, “é um pássaro então voa”, também seria preciso saber o que pode desejar o homem ao desejar ser um pássaro, pois muito provavelmente não ambiciona ter pluma ou pôr ovos senão voar.

A mesma crítica serve para as “associações genéricas”. Quando dizemos, por exemplo, que os alemães som muito trabalhadores ou que os russos bebem muito, etc. ninguém pensa que aqui se trata de uma afirmação universal no sentido da lógica mas destas asseverações genéricas em que a maioria tende ao exagero. Assim se diz que os catalões são comerciantes, são muito trabalhadores, etc. Mas não haveria uma negação desta acepção genérica se alguém dizer: “não era catalão, também era trabalhador”; ninguém diz isso porque se entende que é genérico e não universal.

De modo semelhante acontece com “cavalgar”. No nosso ambiente fica automaticamente associado aos cavalos, mas naturalmente numa comunidade onde se cavalgasse só sobre camelos a associação seria diferente e talvez daquela o verbo utilizado provavelmente seria “camelgar”.

É preciso aliás pôr muita atenção e ser prudentes com estes empregos pretensamente absolutos, porque têm outros fundamentos, outras razões. Assim, quando afirmamos que alguém bebe ou bebe muito, isso não quer dizer que bebe prototipicamente ou que o protótipo seja precisamente beber álcool.

E voltando ao exemplo da “aldeia” concluiremos que não é o significado de aldeia que contém o traço “ter uma igreja e uma só igreja”, mas o nosso conhecimento das aldeias nas comunidades cristãs. Porém posso falar de uma aldeia africana ou japonesa e neste caso não posso dizer que a igreja está fechada, pois que com a mesma palavra me estou a referir a uma coisa muito diferente. E quando digo, por exemplo, que Paris é uma aldeia não quero afirmar precisamente que Paris tem uma igreja e só uma. Por consequência, isto não pertence ao significado.

São as coisas que são contínuas, não os significados. Os objectos ou classes de objectos podem-se imaginar com traços mais ou menos numerosos, não os significados. Há uma confusão essencial entre as classes de coisas delimitadas pelos significados e os significados. São as realidades que são contínuas e não apresentam limites precisos, mas isso requer precisamente a atenção da linguagem, a atenção dos significados, que então organizam as coisas. Os significados são necessariamente homogéneos e necessariamente discretos por serem significados e não classes de coisas. E se as espécies não são séries avulsas, discretas, este é um problema de biologia, não um problema de linguística. Isto não quer dizer que também os significados sejam não avulsos. Não seria possível predicar a passagem de uma espécie a outra se não tivermos a ideia de um significado discreto de tal espécie.

A respeito das dificuldades que se aduzem quando se diz, por exemplo, que seria difícil distinguir entre o dia e a noite porque entre eles existe um crepúsculo, diremos que nós entendemos o crepúsculo porque temos a distinção entre o dia e a noite, não pelo contrário. Precisamente porque vemos nas coisas mesmas traços do dia e traços da noite é que comprovamos uma outra coisa entre o dia e a noite. Em conclusão, é justamente porque temos as ideias claras, exactas do que é dia e do que é noite que podemos também distinguir o crepúsculo. A dificuldade não é de distinção entre dia e noite, mas de separação nas coisas mesmas. Podemos, com efeito, ter muitas dificuldades para definir, mas estas existem porque sabemos o que estamos a procurar. E o que estamos a buscar é o carácter discreto dos significados.

Isto quer dizer que a única semântica realmente cognitiva é a que nos diz como estão organizados os significados nas línguas. E esta semântica estrutural diz quais são os conteúdos de língua das palavras. A “nova” semântica é, na realidade, semântica das coisas e sendo semântica das coisas, já não é semântica. É uma ilusão crer que ao fazermos semântica das coisas fazemos semântica da língua.

E para a aplicação finalmente ao galego e ao português só uma semântica estrutural, dos conteúdos da língua, pode realmente descrever a situação do léxico e as relações lexicais entre o galego e o português. E provavelmente um estudo deste tipo, uma semântica estrutural do galego e do português chegaria à conclusão de que o sistema básico é o mesmo no galego e no português e de que as distinções, as oposições básicas, os traços diferenciadores são os mesmos, mas que há, como dizia o nosso amigo Leodegário, diferença de norma, como há também diferença de norma entre o português de Portugal e o português do Brasil e também no português das várias regiões de Portugal e no português das várias regiões do Brasil.

Ourense, Outubro 1990

Eugénio Coseriu  
Universitat Tübingen  
Romanisches Seminar  
Wilhelmstrasse, 50  
D - 5400 - TÜBINGEN, 1  
(Alemanha)

(\*)Reprodução quase literal do <<texto oral>>, com mínimas variantes ou supressão de algumas expressões cuja redundância era inútil ao convertê-lo em texto escrito, realizada pelo Prof. D. Pedro Fernández-Velho a partir da fita magnetofónica, conservada até hoje.

## JOÁM MANUEL PINTOS E O SEU COMPROMISSO COM A LÍNGUA GALEGA

Maria do Carmo Cozinha

(Prof. de Bacharelato  
Burela- Lugo)

### INTRODUÇÃO

Em 1853 aparece *A Gaita Gallega tocada po lo gaiteiro ou sea Carta de Cristus para ir dependendo a ler, escribir e falar ben a lengua gallega, e ainda mais*.

Sob este título jaz umha miscelânea de textos diferentes, em verso e em prosa, em galego, espanhol e mesmo em latim, unificados por dous grandes eixos temáticos:

- a) Exaltação e defesa de Galiza e das suas gentes.
- b) Exaltação, dignificação e estudo da nossa língua.

Estruturalmente, o livro está composto por sete «foliadas» cujo fio condutor é o diálogo entre um Gaiteiro e o seu Tamborileiro, trasunto respectivamente do espírito galego e do elemento foráneo que se instala na Galiza e que deve respeitar o nosso país, os nossos costumes, tradições...

Imos centrar o trabalho nos dous núcleos temáticos mencionados:

### A) EXALTAÇÃO E DEFESA DA GALIZA E DAS SUAS GENTES

J. M. Pintos situa-nos numha Galiza decimonónica real denunciando as penúrias que assolam o país:

#### A.1. *A continuação do Antigo Regime.*

O domínio exercido sobre a Galiza vêm desde a Idade Média; nom obstante imos centrar-nos no século XIX. Este período apresenta-se em Galiza sob o signo da contradição entre a incapacidade da sociedade galega para se modernizar, no seu trânsito à época contemporânea, e a integração da mesma no sistema económico e político espanhol, historicamente mais desenvolvido.

A crise do Antigo Régimem é um fenómeno complexo que supom umha mutação dos fundamentos das sociedades tardo-feudais da Europa Ocidental.